



KHRONOS, REVISTA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA
EDITORIAL

Este número 8 da *Khronos* se inicia com a pesquisa de Gabriel Kenzo Rodrigues sobre tema de política científica e tecnológica, no caso voltada para um campo de grande repercussão social e econômica, a indústria de fármacos. Tecendo um paralelo entre os Estados Unidos e o Brasil, verifica-se que a inovação foi fator fundamental para passar da pesquisa e desenvolvimento em laboratório para as aplicações científicas e o mercado envolvendo a saúde. A posição brasileira de destaque como produtor acolheu as multinacionais do setor, levando à indagação de qual deveria ser o papel da presença indutora do Estado, pois a capacitação local poderia ter sido objeto de decisões favorecendo a indústria nacional. O desenho da situação que se formou após a Segunda Guerra Mundial age ainda hoje neste cenário, envolvendo avanços e contradições.

O pesquisador de história da mecânica dos fluidos Sylvio Bistafa faz uma aprofundada análise teórica da experiência dos dois baldes numa balança, apresentada por Galileu em seu livro *Das duas novas ciências*. O autor demonstra que a percussão do jato de água do balde superior sobre o balde inferior na verdade desequilibra levemente a balança, fato que teria passado despercebido para Galileu. A matematização do estudo da natureza, adotada por Galileu nesta sua obra, ainda precisaria de mais tempo para permitir uma formulação mais exata do fenômeno observado.

Francisco Assis de Queiroz e Francisco Rômulo Monte Ferreira revisitam um clássico na historiografia da física, o trabalho seminal do historiador da ciência norte-americano Paul Forman sobre as raízes sociais, econômicas e epistemológicas da formulação não causal da física quântica. Nos anos decisivos da Primeira Guerra Mundial e na subsequente República de Weimar, a Alemanha esteve no cume das ciências naturais e o clima de pessimismo que se abateu na sociedade em geral levou à quebra de um princípio básico do conhecimento, que é a causalidade. Essa posição ideológica teve larga repercussão e a adoção do acaso como princípio de explanação se concatenou à interpretação evolutiva oferecida pelo darwinismo e atingiu rapidamente muitas áreas da cultura, como a literatura e as artes plásticas. Esta situação prevalece ainda no momento atual, apesar de terem surgido novas alternativas voltadas para a recuperação de uma interpretação causal da física quântica, como aquela oferecida pela formulação não-linear da eurtimia, proposta pela escola de Lisboa, e baseada na inconformidade de cientistas como Louis de Broglie com as explicações da física adotada na época de Weimar.

Novas luzes sobre a história do abastecimento de água da maior metrópole brasileira são lançadas pelo texto resultante de extensa pesquisa de Dalmo Villar e Filomena Fonseca. A polêmica opção pela construção dos reservatórios do sistema Cantareira ante a alternativa de usar as águas do sistema Tietê revelou limites trazidos pelo crescimento populacional, que se evidenciavam periodicamente em anos de falta de chuvas. A proposta de um dos irmãos Rebouças para uso do Tietê como abastecimento esbarrou em interesses econômicos que se impuseram de forma avassaladora no início do século XX com a atuação da multinacional *Light* para que nesta parte da bacia fluvial metropolitana predominasse a geração de energia elétrica. Uma harmonização dos usos teria sido possível? À época, pouca atenção foi dada e o equacionamento de rios para o uso múltiplo da captação de água potável, geração de energia elétrica e despejo de esgotos tem sido ignorado Brasil afora, com serias consequências para a saúde pública.

Ainda sobre a história dos primórdios da utilização de recursos hídricos para geração elétrica, Alexandre Ricardi nos apresenta um aspecto pouco estudado do que ocorreu no Canadá. A disputa em torno da privatização ou estatização de serviços públicos foi muito intensa na transição do século XIX para o XX, mas na verdade esta é uma questão recorrente na história, em que o liberalismo econômico defende o enfraquecimento e até o virtual desaparecimento do poder público em favor da livre concorrência. Os efeitos dessa luta pela apropriação do capital e seus lucros já despertava a atenção e as preocupações com o consumidor final desses serviços. A análise do que foi a disputa encabeçada pelo movimento denominado de “populismo cívico” no Canadá interessa em particular aos países que, como o Brasil, foram objeto do investimento e da atuação de empresas dominados pelo truste anglo-canadense da *Light* e de sua controladora *Brazilian Traction*, e se revestem de atualidade perante o avanço crescente da privatização de serviços públicos e da participação do capital multinacional.

Esta edição é fechada com o texto de André Nogueira, autor que tem contribuído para a história da saúde no Brasil. O cirurgião lusitano Francisco Antonio Sampaio veio residir no Brasil colonial da segunda metade do século XIX em Cachoeira, na Bahia. Lá enfrentou os praticantes populares de medicina, aos quais tentou se sobrepor baseado na pretendida superioridade dos estudos acadêmicos europeus. Seus relatos e correspondências com a Academia de Ciências de Lisboa foram largamente ignorados, mas são aqui vistos no contexto do combate entre ilustrados e o conhecimento de curandeiros.

Desejamos aos leitores uma boa leitura!

Gildo Magalhães, Editor